

## **Behaviorismo e Educação**

*J. Roberto Whitaker Penteado*

Numa reunião do conselho editorial da Revista da ESPM, Francisco Gracioso, antigo companheiro de jornadas, recomenda-me a leitura de um livro de B. F. Skinner: *Beyond Freedom and Dignity*.\*

Estou visitando o livro. Faz tempo que deixei de lê-los de cabo a rabo. Monteiro Lobato, meu ídolo de juventude, já dizia que os livros são como casas, para serem visitados e revisitados várias vezes - ou até mesmo, como os do Sítio do Picapau Amarelo, para morar neles.

A visita fez-me lembrar também as aulas de psicologia da universidade onde debatíamos uma questão que os especialistas colocavam como nature X nurture, ou seja, quanto da personalidade e do comportamento das pessoas é devido à genética, e quanto às influências do ambiente. Coisa atual, quando tanto se fala do DNA.

Skinner, um dos líderes do behaviorismo, afirma duas coisas: que, do ponto de vista da constituição orgânica, o homem de hoje é exatamente igual ao que viveu há 25 mil anos ou mais. Portanto, toda a cultura construída durante esse tempo é produto da sua própria ação e faz parte do ambiente. Uma sensação que tive, contemplando artefatos expostos no Musée de l'Homme, em Paris, que me traziam – através de tão longa viagem pelo tempo – percepções de uma sensibilidade artística decididamente contemporânea. A segunda - bem mais difícil de provar, é que – se um ser humano dessa época fosse transplantado, ao nascer, para a sociedade atual, desenvolver-se-ia bastante como qualquer um de nós. Ou, ainda, que um hotentote africano, se trocado de ambiente, ao nascer, por um bebê londrino, viria a ser um cidadão como os outros – em Londres ou outro lugar “civilizado” – enquanto o inglesinho seria um hotentote igualzinho aos demais.

A conclusão de Skinner pode-se tornar frase célebre: o homem é, hoje, o que ele fez de si mesmo. E prossegue, afirmando que, se desejarmos fazer mudanças na nossa sociedade, em qualquer sentido, inclusive ético, deveríamos procurar agir sobre o ambiente e não diretamente nas pessoas, tentando influenciá-las em suas opiniões ou atitudes.

Não consegui descobrir, nessa primeira leitura, qualquer falácia na argumentação. A proposta é até atraente, embora desafie algumas noções que fazem parte do nosso referencial, acerca do individualismo e do chamado livre-arbítrio. O behaviorismo é, hoje, bastante criticado como um tipo de reducionismo, pois dá a vitória ao nurture (criação, ambiente) na antiga polêmica. Talvez o seja, também, porque ameaça os dogmas adotados em outros reducionismos - inclusive de natureza política.

Considerando, contudo, que uma das principais influências do ambiente sobre as pessoas é a Educação (uma das traduções de nurture, no dicionário), essas reflexões parecem ter sentido. Especialmente no que se refere aos seus conteúdos e formas de aplicação.

\* Em português, só existe uma edição de Portugal: *Para além da liberdade e da dignidade*.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Behaviorismo e Educação*. JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado, Rio de Janeiro, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=240&ID=288>>. Acesso em: 21 ago. 2009.